



FOLHA ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG

Novembro/Dezembro de 2024 nº119 Ano 20

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

Editorial

Então é Natal!!! Nas esferas superiores estão todos em festa!!! Na Terra os encarnados comemoram a chegada, o nascimento do enviado divino, o Cristo de Deus. Os anjos, arcanjos, todos aqueles Espíritos da mais alta envergadura, celebram o grande dia. 25 de dezembro, no nosso calendário, marca uma nova era. O magnânimo Mestre, que se vestiu da humildade, para descalço, desprovido de todos os tipos de bens materiais, nos exemplificar. Denominado por Jesus, foi educado na simplicidade, desde a manjedoura até os últimos minutos entre nós. Filho de carpinteiro, trabalhou na arte de transformar madeira. Filho de mãe zelosa, de uma beleza singular, vivenciou o amor e a gentileza. Assim, passou de filho exemplar, a Mestre, Guia e Modelo; não só dos pais, mas da Humanidade inteira. Andou, caminhou diuturnamente, levando a palavra do bem e do amor; exemplificando sempre. Todos que se aproximavam Dele se deleitavam nas energias superiores. Seu olhar penetrante enxergava além desta vida. Sorria pouco ou quase nada; porém, chorava muito. O sentimento de tristeza e pesar, era por sermos tão rebeldes ainda. Que não somente neste dia tão especial, possamos levar alegria, ao aniversariante. Hoje, o que mais O alegrará será a nossa transformação moral. O fazer ao outro aquilo que gostaríamos de receber. Vamos nos faltar na mesa cheia de ceia do amor, da fraternidade e do perdão, não somente no dia 25 de dezembro, mas o ano inteiro, isto é sempre. Vamos abraçar o próximo com os braços repletos de compreensão e tolerância. Vamos presentear os mais próximos como se estivessemos presenteando o próprio aniversariante, com uma caixa de benevolência, um embrulho de indulgência e um pacote de perdão. Que neste Natal possamos fazer brilhar a nossa luz interior, que possamos iluminar o Planeta Terra tão carente de Jesus! Muita paz!!!

PRESENÇA DE LUZ

Se puseres amor no tempo de Deus te reserva, nunca te sentirás sob o domínio do tédio ou do desânimo, porque as tuas horas se converterão em prazer de servir.

Se colocares amor nas afeições que o Senhor te permite cultivar, nunca sofrerás ingratidão ou desengano, porque transformarás o próprio espírito em vaso de abnegação e entendimento, colhendo de ti mesmo a felicidade de fazer a felicidade dos entes queridos.

Se cultivares amor na execução do dever que a Divina Providência te atribui, nunca experimentarás cansaço ou desencanto, porque o trabalho se te fará fonte de alegria, na alegria de ser útil.

Se aplicares amor nos recursos verbais que a Eterna Sabedoria te confere, nunca te complicarás em manifestações infelizes, porque a tua palavra se transubstanciará em clarão e bênção, naquilo em que te expreses.

Se espalhares amor no lugar em que as Leis da Vida te situam, nunca te observarás na condição de vítima do desequilíbrio, porque a tua influência se tornará serenidade e esperança, garantindo a harmonia e a tranquilidade onde estejas.

Se conservares o amor no coração, — obra divina do Universo, — nunca te perderás na sombra, porque terás convertido a própria alma em presença de luz.

Emmanuel

Siga a Folha

[@FolhaCaixeta](https://x.com/home)



Coragem — Item 5

Psicografia de Chico Xavier
Espíritos Diversos

PROGRAMA ESPÍRITA ENTRE A TERRA E O CÉU

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM e pela
internet
www.radioimbiara.com.br



VEJA NESTA EDIÇÃO

Jesus: Senhor e Mestre, Guia e
Modelo da Humanidade - p.2

Sentimentos Natalinos - p.4
Oração de Natal - p.8

JESUS: SENHOR E MESTRE, GUIA E MODELO DA HUMANIDADE

Por Carlos Humberto Martins

“Venho, como outrora 1.857, em que Allan Kardec aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis.’”¹

Refletindo esse texto de O Espírito de Verdade, observamos que, inicia-se o parágrafo utilizando o verbo na primeira pessoa. Isso significa que, o Espírito que redigiu a mensagem só pode ser o próprio Jesus, o Cristo de Deus. Acredito que Espírito algum teria a ousadia, a coragem de redigir um texto como esse utilizando a primeira pessoa em nome d’Ele. Só Jesus mesmo.

Então deduzimos que Ele novamente esteve bem próximo de nós, quando da fundação da Doutrina Espírita em

1.857, em que Allan Kardec publicou — a pedra fundamental do Espiritismo — *O Livro dos Espíritos*.

Sabemos que o insigne fundador do Espiritismo, Allan Kardec, em “MEU GUIA ESPIRITUAL”², cita que Jesus mantinha contato com ele uma vez por mês durante um quarto de hora, ou seja, quinze minutos, com o propósito de fazer as devidas correções dos textos das obras a serem publicadas e tirar algumas possíveis dúvidas.

Isso nos mostra que Jesus jamais esteve afastados de nós. Sempre presente nos auxiliando.

Quando esteve encarnado entre nós Jesus foi o exemplo vivo de amor pela Humanidade. Ensinou e exemplificou a simplicidade, a humildade, o perdão, a fraternidade. Esteve junto aos fracos, aos pobres, junto aqueles que eram marginalizados perante a sociedade. Ensinou a amar uns aos outros como Ele nos amou.

Sempre condenou o orgulho, egoísmo, inveja, avareza, vaidade, a cupidez e tantos outros vícios que possuímos.

Tanto que Kardec³ indaga aos Espíritos Superiores: “Qual é o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e de modelo? ‘Jesus’.” É a menor resposta das 1.018 questões de *O Livro dos Espíritos*. Allan Kardec tece o seguinte comentário: “Jesus é, para o homem, o modelo da perfeição moral que a Humanidade pode pretender sobre a terra.(...)”⁴.

Imaginemos agora Jesus Espírito perfeito, fora do corpo

físico que limitou bastante sua capacidade espiritual. Pois, Ele se apequenou, reduziu sua luminosidade para não nos humilhar.

Quando da formação do planeta Terra, Jesus já era Espírito perfeito. Sabemos através de Emmanuel⁵, que Jesus foi designado por Deus para ajudar na formação da Terra. Ele é um Espírito que faz parte dos governadores dos planetas do sistema Solar.

“Rezam nas tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos do nosso sistema existe uma Comunidade de Espíritos Puros e eleitos, pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as Coletividades Planetárias. Essa Comunidade de seres Angélicos e Perfeitos, da qual Jesus é um dos membros.(...)”⁶

Então, não temos muitas informações sobre a envergadura espiritual de Jesus pelo fato de sermos ainda Espíritos muito imperfeitos. Estando portanto muito distantes de saber sobre os Espíritos Perfeitos.

Nos resta, procurar seguir os ensinamentos deixados por Jesus para um dia chegarmos ao estágio de Espírito Puro.

Que Jesus nos dê forças para continuar a nossa caminhada rumo à perfeição a que fomos destinados pelo Criador.

Deus na sua infinita bondade continue a iluminar nosso querido Jesus, o aniversariante do mês de Dezembro.


Obrigado Jesus!!!

¹KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo* – Cap. VI - item 5. FEB.

²_____. *Obras póstumas*. FEB.

^{3,4}_____. *O livro dos espíritos*. Questão 625. FEB.

^{5,6}XAVIER, F. C. *A caminho da luz.* – Pelo Espírito Emmanuel. FEB.



Folha Espírita
Francisco Caixeta

Editado pela
Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial
Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EVOCAÇÃO DO NATAL

O maior de todos os conquistadores, na face da Terra, conhecia, de antemão, as dificuldades do campo em que lhe cabia operar.

Estava certo de que entre as criaturas humanas não encontraria lugar para nascer, à vista do egoísmo que lhes trancajava os corações; no entanto, buscou-as, espontâneo, asilando-se no casebre dos animais.

Sabia que os doutores da Lei ouvi-lo-iam indiferentes, com respeito aos ensinamentos da vida eterna de que se fazia portador; contudo, entre-



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA "FRANCISCO CAIXETA"

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos / Passe

Terça-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo / Passe
Evangelização da criança

Quinta-feira, às 19h30

Reunião presencial fechada ao público
Reunião mediúcnica

Sexta-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/Passe

Domingo, às 18h

Reunião aberta ao público
Grupos de Estudos da Doutrina
Obras de André Luiz

Biblioteca Irmã Inez

Terça-feira e Sexta-feira, às 19h30

Sala de Costura Arisa Rodrigues de Oliveira
Segunda-feira, às 13h30

Casa da Sopa Vovó Brígida
Quarta-feira, às 11h

R. Augusto Flávio da Silva, 87 - Vila Estância

Salve o trabalho, viva o amor!
Zequinha Ramos

gou-lhes, confiante, a Divina Palavra.

Não desconhecia que contava simplesmente com homens frágeis e iletrados para a divulgação dos princípios redentores que lhe vibravam na plataforma sublime, a abraçou-os tais quais eram.

Reconhecia que as tribunas da glória cultural de seu tempo se lhe mantinham cerradas, mas transmitiu as boas novas do Reino da Luz à multidão dos necessitados, inscrevendo-as na alma do povo.

Não ignorava que o mal lhe agrediria as mãos generosas pelo bem que espalhava; entretanto, não deixou de suportar a ingratidão e a crueldade, com brandura e entendimento.

Permanecia convicto de que as noções de verdade e amor que veiculava levantariam contra ele as matilhas da perseguição e do ódio; todavia, não desertou do apostolado, aceitando, sem queixa, o suplício da cruz com que lhe sufocavam a voz.

É por isso que o Natal não é apenas a promessa da fraternidade e da paz que se renova alegremente, entre os homens, mas, acima de tudo, é a reiterada mensagem do Cristo que nos induz a servir sempre, compreendendo que o mundo pode mostrar deficiências e imperfeições, trevas e chagas, mas que é nosso dever amá-lo e ajuda-lo mesmo assim.

Emmanuel

Antologia Mediúcnica do Natal
Psicografia de Chico Xavier/Diversos

Banca do Livro Espírita "Chico Xavier"

Segunda à sexta - 10h às 14h
Sábados - 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n.
Araxá/MG

O DIVINO CONVITE

"Vinde a Mim, vós que sofreis!..."

E a palavra do Senhor, tocando nações e leis, ressoa, cheia de amor.

Herdeiros tristes da cruz, que seguis de alma ferida, encontrareis em Jesus Caminho, verdade e vida. Famintos de paz e abrigo, que lutais no mundo incréu, achareis no Eterno Amigo o Pão que desceu do Céu.

Almas sedentas de pouso, que à sombra chorais cativas, tereis no Mestre Amoroso a fonte das Águas Vivas.

Venham, irmãos, a Jesus Cristo, o Guia que nos conduz! vosso caso está previsto em suas lições de luz.

Casimiro Cunha

CANÇÃO DO NATAL

Mestre Amado agradecemos, em teu Natal de alegria, a paz que nos anuncia a vida superior...

Por nossa esperança em festa, pelo pão, pelo agasalho, pelo suor do trabalho, louvado seja, Senhor!...

Envoltos na luz da prece, louvamos-te os dons supremos, nas flores que te trazemos, cantando de gratidão!... Felizes e reverentes, rogamos-te, Doce Amigo, a bênção de estar contigo no templo do coração.

Casimiro Cunha

Antologia Mediúcnica do Natal
Chico Xavier/ Espíritos Diversos

SENTIMENTOS NATALINOS

Por Lindberg R. Garcia

“Glória a Deus nas Alturas, Paz na Terra, boa vontade para com os homens”. bailado, indo em direção de uma jovem mulher, possivelmente a mãe daquela improvisada bailarina.

Era uma noite fria, antevéspera de Natal, há pouco caíra uma leve garoa quando eu e minha finada esposa acabávamos de sair do Palácio das Artes em que fomos assistir a uma peça de teatro. Atravessamos a Avenida Afonso Pena, para o lado contrário, defronte ao prédio da Prefeitura Municipal, e caminhamos rumo à Praça Sete, pois meu automóvel estava estacionado no quarteirão após a Igreja São José – bons tempos aqueles em que ainda se podia estacionar veículos nas ruas da capital dos mineiros, a Belo Horizonte. Não sei precisar a data em que fizemos esse trajeto, me recordo apenas que era a noite antevéspera de Natal, fins dos anos 80, talvez início da década de 90. Lembro-me bem das lâmpadas ornamentais multicoloridas, estrategicamente espalhadas ao longo da avenida tentando penetrar a névoa úmida daquela noite. Ao atravessarmos a esquina da Rua Tupis, após a Igreja de São José, seguindo pela Avenida Afonso Pena, nos deparamos com uma cena da qual, eu e minha finada esposa, sempre a recordávamos com um misto de saudade e carinho. Havia um amontoado de papelão que uma coletora de material reciclável havia empilhado junto à parede de um daqueles prédios da avenida. Vimos quando uma linda criança, não mais que 3 anos de idade, passou saltitando pela avenida num gracioso

Minha esposa caminhou em direção àquela graciosa criança, tentou falar com ela, aproximou-se, queria abraçá-la. Sem sucesso, a garotinha se esquivou com graça e leveza e continuou no seu saltitante bailado naquele pedaço de avenida. Seus cachinhos loiros escapavam de um gorro escuro, que inutilmente tentava esconder seus cabelos. Vestindo um agasalho de cor marrom, que lhe cobria até os joelhos, a transformava em uma linda boneca viva e graciosa. Jamais esqueceríamos aquele rostinho com as bochechas rosadas, talvez acentuadas pelo frio da noite. Tentei conversar com a jovem mãe que pouca atenção me deu, e continuou no seu rasga e amontoa as caixas de papelão, de onde provavelmente tiraria o seu sustento. Hoje, ainda vejo em minhas lembranças aquela linda criança bailando indiferente aos transeuntes da avenida, e entrevejo com ternura minha saudosa esposa tentando abraçar aquele pinguinho de gente numa antevéspera de uma noite de Natal. Já de volta, no trajeto para nossa residência, comentávamos sobre a pequena bailarina da esquina da Afonso Pena com a Tupis. Recordávamos, inclusive das músicas natalinas que eram executadas pelos estabelecimentos comerciais no interior de suas lojas. Não me esqueço, em especial, a duas delas, que para mim trazem toda a representati-

vidade das festas natalinas e de fim de ano: “Noite Feliz”, e “Boas Festas” (que mais adiante falarei sobre elas).
Hoje, muitos e muitos anos se passaram, onde andaria aquela pequena criança que tanto nos chamou a atenção naquela fria noite de dezembro? Teria se feito mulher, e quem sabe, teria se tornado mãe de uma pequena boneca bailarina como a que vimos naquela antevéspera de Natal?

Difícil saber, só sei que aquela linda criança surgindo como por encanto por entre um monte de papelões rasgados, me traz à mente a imagem de outra criança, que na noite de 25 de dezembro, há mais de dois mil anos, nascia um menino que fora colocado por sobre as palhas rasgadas de uma tosca manjedoura daquela pobre estrebaria. E assim, nos acostumamos à imagem representativa do nascimento de Jesus, qual vemos hoje nos presépios mostrando a sagrada família contemplando o filho radiante na rústica estrebaria, uma imagem assaz forte que a tradição do mundo ocidental se faz representar do nascimento do menino Jesus. Entretanto, sabemos historicamente que a data do nascimento de Jesus é incerta, todavia, firmou-se o 25 de dezembro como sendo a Natividade do menino Jesus. Não importa a data precisa do seu nascimento, pois para o Mundo Cristão o mais importante é o seu legado à Humanidade. No livro *Antologia Mediúnica do Natal*, na mensagem que tem por título, “A Manjedoura”, Emmanuel nos transmite um ensinamento valioso quando diz:

“As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição de humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de atualidade dos seus divinos ensinamentos. A Manjedoura foi o Caminho. A exemplificação era a Verdade. O Calvário constituía a Vida. Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.” O mesmo Emmanuel, na obra, *A Caminho da Luz*, nos ensina que a passagem de Jesus, o Cristo de Deus pelo planeta Terra, “foi um marco para a maioridade espiritual da humanidade terrestre: começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações”. Este é o legado de Jesus para a humanidade: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João, 14: 6 – 11).

Ao procurarmos nas obras básicas da Doutrina Espírita, nós não vamos encontrar nenhuma referência à palavra natal, a não ser como designação gentílica, com a letra “n” minúscula, significando local de nascimento ou origem como na expressão “terra natal”. Entretanto, na Revista Espírita de Abril de 1863, encontramos uma mensagem de São Luís intitulada “Festa de Natal”, que ora transcrevemos: “Esta noite que, no mundo cristão, se festeja o Nascimento do Menino Jesus; mas vós, meus irmãos, deveis também vos rejubilar e festejar o

nascimento da nova *Doutrina Espírita* (destaque nosso). Vê-la eis crescer como essa criança; virá, como ela, esclarecer os homens e lhes mostrar o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem, eles mesmos, pedir a esta Doutrina os recursos que não encontram mais nas ideias antigas. Não vos trarão mais o incenso e a mirra, mas se prosterarão de coração diante das ideias novas do Espiritismo. Não vedes já brilhar a estrela que deve guiá-los? Coragem, pois, meus irmãos; coragem, e logo podereis com o mundo inteiro celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade. Meus irmãos, por muito tempo guardastes em vosso coração o germe dessa doutrina; mas hoje eis que ele aparece à luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e que não deixará curvar seus fracos ramos; com esse apoio providencial, crescerá dia a dia e se tornará a árvore da criação divina. Dessa árvore recolhereis frutos que não conservareis só para vós, mas para vossos irmãos que terão fome e sede da fé sagrada. Oh! então, apresentai-lhes esse fruto, e exclamai do fundo do vosso coração: ‘Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso espírito e alivia as nossas dores físicas e morais.’ Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levantar o primeiro germe; e esse germe cresceu e se tornou já uma árvore própria para dar seu fruto. Restar-vos-á alguma coisa, são esses caules que podereis transplantar; mas antes, vede se o terreno ao qual confiais esse germe não esconde, sob seu leito aparente algum

verme roedor que poderia devorar o que vos confiou o Mestre”. As candentes palavras de São Luís, nos despertam para uma realidade mais profunda, mais significativa, mais transformadora para a Humanidade desta Morada da casa do Pai. O menino que veio à luz naquela simples manjedoura, marcou naquela noite o início de uma nova era que transformaria radicalmente os conceitos vigentes da época. Nascia o Cristo de Deus, “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo” (Q. 625 de *O Livro dos Espíritos*).

Sua passagem entre os homens foi breve, ao entorno dos 33 anos, mas o suficiente para ensinar e vivenciar um novo conceito de moral: amai os inimigos; perdoai aos que lhes devem para que o Pai os perdoe; amai o próximo como a vós mesmos; os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos; vinde a mim as crianças, pois que o céu é para os que se lhes assemelham; ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo; soava estranho aos ouvidos do que pensavam os gregos, os egípcios, os persas, os romanos e até mesmo os judeus. As mensagens daquele homem simples, que nada possuía além da túnica que usava para se vestir e uma sandália para caminhar, desde então transformaram mentes e instituições ao redor deste Mundo. Aquela gente sofrida, tangida pela miséria, perseguida pelos percalços da vida, Ele os chama, os acolhe e os consola: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu os aliviarei. Tomais *Continua...*”

sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo.” (Mateus, XI: 28 a 30).

Em sua dulcíssima clarividência; “Ele viera ensinar os homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos.” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Capítulo I – item 4).

Ao se aproximar o 25 de dezembro, conforme tradição, todos os povos cristãos comemoram a vinda de Jesus ao orbe terrestre. As cidades se engalam, luzes de variadas cores se contrastam nas ruas, nas praças, nas avenidas e nos jardins das casas suntuosas. No interior dos lares abastados, árvores natalinas são montadas, tendo em volta presentes a serem distribuídos aos familiares e amigos. Votos de um Feliz Natal e um próspero ano novo, são compartilhados entre familiares e demais pessoas de seu relacionamento.

Uma aura de paz ecoa nos ares ao som da melodia de “Noite Feliz”, uma composição de 1818, de Franz Xaver Gruber, e escrita pelo padre Joseph Mohr, na cidade de Oberndorf, Áustria. A maravilhosa e enternecedora composição, intitulada “Stille Nacht”, foi executada pela primeira vez na Missa do Galo daquele ano na paróquia de São Nicolau. Posteriormente, várias

versões correram ao redor do Mundo, inclusive no Brasil que lhe dedicou uma versão intitulada “Noite Feliz”. Em um de seus versos, diz, “Noite feliz / noite feliz. / Eis que no ar vem cantar / Aos pastores /os anjos do céus / Anunciando a chegada de Deus. (Nota - creio que o autor da versão ao compor o verso da música, enaltecendo “a chegada de Deus”, estivesse na realidade se referindo ao nascimento do menino Jesus). Todavia, a mencionada liberdade poética do autor em nada diminui o encanto e maviosidade da versão de “Stille Nacht”, ou “Noite Feliz”. Esta composição, nos leva a imaginar um mundo em que a paz reina entre os filhos do Criador, e que a felicidade e a alegria esteja disseminada em toda a Morada da casa do Pai, tal o arrebatamento da melodia que nos leva a um conforto íntimo, que chegamos a imaginar estarmos vivendo placidamente num dos mundos ditosos e felizes.

Mas, há uma outra linda canção, muito executada nas festas natalinas que quebra esse encanto de “Noite Feliz”, e nos leva para um outro cenário bem diferente do anterior. Me refiro à admirável composição do sambista, José de Assis Valente (19/03/1911 – 06/03/1958), mais conhecido por Assis Valente, que foi um ilustrador e compositor brasileiro, autor de “Boas Festas”, cuja letra diz; “Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel / e a tal felicidade, eu pensei que fosse uma brincadeira de papel./ Já faz tempo que eu pedi, mas o meu Papai Noel não vem./ Com certeza já morreu, ou então felicidade é brinquedo que não tem”.

O autor desta composição (Boas Festas), Assis Valente, nos mostra que além dos sorrisos, dos apertos de mãos, dos abraços e demais demonstração de afetos nas festas natalinas e de fim de ano, na placidez de um Mundo venturoso, existe uma outra realidade, por vezes sofrida, infeliz, lacrimosa, vivida por muitos de nossos irmãos em resgate de vidas passadas. A marcha “Boas Festas”, talvez pelo que o seu autor tenha passado por experiências de vida bastante difícil, e até mesmo trágica (Assis Valente tirou a própria vida em razão de dívidas acumuladas), tenha colocado em seus versos emoções bastante contraditórias entre si. Se por um lado, canta os sentimentos de alegria, de generosidade e solidariedade, por outro lado extravasa a tristeza, o ciúme, a inveja, a frustração e os conflitos que por vezes ocorre a muitos de nós pelos caminhos da redenção.

Para os seguidores do Cristo, o Natal, não deve ser apenas época do consumismo desenfreado, da oferta de ricos presentes, dos comes e bebes costumeiros, das ceias suntuosas. Lógico que a alegria, e a felicidade devem ser festejadas, não só no Natal, mas em todos os dias do ano. Todavia não devemos nos esquecer de nossos irmãos menos validos, que nada possuem a não ser a dor da miséria, a vileza da fome, a degradação da própria identidade social, esperam por um pouco de nosso carinho. A nós Cristãos Espíritas, cabe-se nos a tarefa de aliviar a penúria em que se encontram muitos dos irmãos que estão a

caminho conosco nas trilhas das vidas sucessivas. Não somente na distribuição de bens materiais, que é louvável e necessária, mas que nos lembremos também de doar amor, a maior dádiva que o ser humano pode dispensar ao seu semelhante. “Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros”, ensina Jesus (João, 15: 17). Lembremo-nos que a moral ensinada pelo Mestre se assenta na bondade, na humildade, e na caridade que Ele próprio não se limitou apenas a pregar, mas também vivenciou exemplarmente estas virtudes.

A noite de 25 de dezembro, quer pela tradição que se formou em torno da Natividade de Jesus, quer pela sua significação introjetada no coração dos povos Cristãos, é como se comemorássemos a data do aniversário de seu nascimento, como usualmente festejamos o nosso e de nossos familiares. Para nós Espíritas, a comemoração do nascimento do Cristo de Deus, no 25 de dezembro, deve ser estendida para todos os dias do ano, pois a cada momento em que nos esforçamos para cumprir um só dos seus ensinamentos ele renasce em nós. A mensagem divina do amor e da justiça, da bondade e da misericórdia, da simplicidade e da humildade, pronunciadas pelo “meigo Rabi da Galileia” ainda reverbera na “acústica de nossas almas”: “Todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mateus, 25: 40).

A comemoração do Natal, não só para nós espíritas, mas para todos os Cristãos deve ser a aclamação do Criador a todos

os seus filhos, concretizando a caridade para consigo mesmo - por meio da reforma íntima - a que o apóstolo Paulo anota; “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (Paulo, 5: 17) - e para com o próximo, a que Jesus nos conclama: “Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros” (João, 15:17).

A simbologia pictórica do Natal, com aquela criancinha deitada sobre as palhas rasgadas de uma manjedoura, com os bracinhos estendidos como se esperasse um abraço afetuoso de todos nós, não só, nos enche de ternura e afeto, como também nos desperta à responsabilidade de vivenciarmos os seus ensinamentos. Esse é o abraço que Jesus espera, não só no 25 de dezembro, mas em todos os dias do ano. Tanto assim é, que nos pede: “Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu rogarei ao meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco ... e vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito” (João, 14:15 a 17 e 26).

E assim foi, que em 18 de abril do ano de 1857, no *Palais Royal*, em Paris, capital francesa, tivemos a primeira edição de *O Livro Dos Espíritos*, uma obra que se revelaria transcendente à Humanidade. O cristianismo redivivo, tal qual ensinado por aquele menino, com os bracinhos estendidos para nós, vaticinou naquela noite de Natal. A nós Espíritas do Cristianismo redivivo, repetimos o mantra de Jesus: “Glória a Deus nas Alturas, Paz na Terra, boa vontade para

com os homens” (Lucas, 2:14).
Graças a Deus!

JESUS PARA O HOMEM

“E achado em forma como homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte de cruz”.
PAULO (Fillipenses, 2:8).

O Mestre desceu para servir.
Do esplendor à escuridão...
Da alvorada eterna à noite plena...
Das estrelas à manjedoura...
Do infinito à limitação...
Da glória à carpintaria...
Da grandeza à abnegação...
Da divindade dos anjos à miséria dos homens...
Da companhia de gênios sublimes à convivência dos pecadores...
De governador do mundo a servo de todos...
De credor magnânimo a escravo...
De benfeitor a perseguido...
De salvador a desamparado...
De emissário do amor à vítima do ódio...
De redentor dos séculos a prisioneiro das sombras...
De celeste pastor à ovelha oprimida...
De poderoso trono à cruz do martírio...
Do verbo santificante ao angustiado silêncio...
De advogado das criaturas a réu sem defesa...
Dos braços dos amigos ao contacto de ladrões...
De doador da vida eterna a sentenciado no vale da morte...
Humilhou-se e apagou-se para que o homem se eleve e brilhe para sempre!
Oh! Senhor, que não fizeste por nós, a fim de aprendermos o caminho da Gloriosa Ressurreição no Reino?

Emmanuel

Antologia Mediúnica do Natal
Psicografia de Chico Xavier/Diversos

Oração do Natal

Nosso Mestre e Senhor: mais uma vez o mundo acaba de comemorar o nascimento de teu natalício. Mas, de que modo? Envolto em brumas de hostilidades recíprocas, de desconfianças mútuas, mantendo essa atmosfera de dúvidas, receios e apreensões.

As nações entreolham-se como feras que, de quando em vez, lambem as comissuras dos lábios impregnados de sangue. Protestam amizade, desfazem-se em hipócritas expressões de fementido afeto, animando no interior fome e sede de cruentos repastos. A louca ambição, o desmedido orgulho, a avidez de sensuais prazeres campeiam infrenes embotando os sentimentos, embrutecendo e enfermando a mente.

Em tais condições, Senhor, é que a Humanidade atu-

al acaba de honrar a época que de justiça, pelo qual te sacrifi-
assinala a tua passagem pela caste? Dar-se-á, Senhor, que
Terra. Festas, músicas, pago- os homens ignorem a sùmula
des e regabofes, profanos e de teus preceitos, a base de
religiosos, tiveram lugar nos tua moral? Se esta geração
templos de pedra, nas casas de nunca te viu, e assim desdenha
pasto e nos lares. Em tua hon- tua moral, porque te homena-
ra, Senhor, hinos e cânticos fo- geia tanto? Onde os mentores
ram entoados em profusão; lu- do povo? Os rabinos das mo-
zes multicores reverberaram dernas sinagogas para instruí-
embelezando as naves onde rem as gentes sobre aquelas
centenares, milhares mesmo tuas santas e sugestivas pala-
de pessoas genuflexas te ren- vras: "Se estiveres apresentan-
deram louvores. O bimbalar do tua oferta no altar, e aí lem-
do bronze saudou a aurora do brares que há que tem contra ti
teu dia com desusado garbo e alguma coisa, deixa ali tua ofer-
garridice. Mas, Senhor, aceita- ta no altar, vai primeiro reconci-
rás tu essas ovações e honrari- liar-te com teu irmão, e depois
as? Serás acaso semelhante vem apresentar a tua oferren-
aos homens que abafam o inte- da."

rrior deixando-se arrastar por Mestre e Senhor! Tem pi-
influências rumorosas do exteri- edade das loucuras, das fra-
or? Tu te comprazerás nesses quezas e da hipocrisia da Hu-
festejos que te dedicam aque- manidade.

les que vivem divorciados do

ideal de paz, de fraternidade e *Nas pegadas do Mestre* - p.197

Vinicius

Nas pegadas do Mestre - p.197

Natal

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino.

Paz na Terra.

Boa-vontade para com os Homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avarento.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.

Nem hostilidade para com o fariseu orgulho-
so.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa-Vontade.

A justiça do "olho por olho" e do "dente por dente" encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexpr-

mível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transvia-
do.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales de imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmãos, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!...

Entendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

Emmanuel

Fonte Viva - Francisco Cândido Xavier - Item 180